

Menos verbas, mais doenças

Pedro Valente *

"There is no focal point for going forward, a health professional says." Sob esse título e enfoque, artigo publicado há poucos dias em *The New York Times* refere-se à situação da saúde pública em Nova Iorque.

Com a recente demissão do secretário de Saúde, Dr. Woodrow A. Meyer Jr, ambos os departamentos de saúde pública da cidade e do estado estão vagos. O secretário anterior, Dr. David Axelrod, também pediu demissão no dia 25 de fevereiro, após 12 anos no posto.

As autoridades americanas vêm encontrando sérias dificuldades para preencher os dois cargos que, nunca fáceis, se tornaram ultimamente cada vez mais difíceis, com a série de novos e emergentes problemas de saúde que afligem a população.

Além dos deveres de rotina dos responsáveis pelas missões executivas da administração pública na área de saúde, diz o jornal, eles têm que atuar como habilidosos e influentes negociadores e intermediários entre os vários escalões do setor, desde diretores de hospitais e burocratas federais, até mesmo os próprios pacientes. Por outro lado, o controle dos sistemas de seguridade social e privada de saúde; as taxas de mortali-

dade infantil em áreas suburbanas de Nova Iorque, que já rivalizam com as de países subdesenvolvidos; questões éticas em relação aos deveres dos profissionais de saúde e o crescimento da Aids; as salas de atendimento de emergência superlotadas; o reaparecimento de epidemias do século 19; pessoas morrendo novamente de sarampo; os desabrigados, alcoólatras e doentes mentais desafiando os mais modernos tratamentos da tuberculose, doença altamente contagiosa.

Diz o artigo, ainda, que o secretário deve possuir liderança política e habilidade de utilizar os meios de comunicação em favor da saúde pública, além de controlar a higiene dos restaurantes, dos alimentos, fazer campanha contra o fumo, incrementar a diminuição da mortalidade infantil, controlar os programas de saúde nas escolas, serviços dentários para crianças, imunizações e assim por diante.

Aqui como lá, pelo que diz o artigo, os problemas são semelhantes, guardada a diferença de que, quando eles falam em menor verba, não dá para comparar. Lá é infinitamente superior o gasto público com saúde por habitante. Muito embora, justiça seja feita, o atual ministro da Saúde, Alceni

Guerra, tenha lutado para conseguir dobrar o orçamento da saúde, no último ano, e conseguido, o Brasil é ainda dos países que, proporcionalmente, menos investe na saúde de seu povo. Só em relação à paupérrima América do Sul, por exemplo, ocupa uma das últimas posições.

Tudo isto, ainda por cima, associado a uma máquina obesa e edemaciada, fraudes, cartéis, decadência do ensino médico, salários defasados, precárias condições de trabalho, além do atraso e pobreza em que está mergulhada a maioria da nossa população.

Talvez seja a hora do Brasil despertar para o problema que é o mais sério da vida humana, tomando como exemplo e fazendo uma profunda reflexão sobre a crise em que está mergulhado o país mais rico do primeiro mundo, evitando assim a nossa indianização.

Um povo pobre e sem saúde é um povo condenado à morte. As civilizações, antes do acultramento, foram preservadas pela saúde de seus povos. Até as tribos só se constituíam e adquiriam cultura à medida que, organizadamente, aprendiam a buscar os alimentos e sobreviviam à fome, superando as enfermidades e preservando a saúde.